



JORNAL

EXÉRCITO
de
OXALÁ

PARABÉNS ESCOLA DE CURIMBA CABOCLO TUPINAMBÁ

- 4 DE NOVEMBRO -

O homem do futuro precisa ser rápido na identificação de novos relacionamentos, crítico nos seus julgamentos, isto é, cada indivíduo precisa ter habilidades e competência para aumentar sua capacidade de adaptação às mudanças contínuas. Além de compreender o passado e o presente, o homem necessita antever o futuro e antecipar mudanças, através de pressuposições, precisa saber definir, debater, sistematizar e actuar (TOFFLER, 1970).

E educação escolar não pode esquecer essas competências uma vez que cada vez mais a educação se dá não apenas na escola, mas também na família, na comunidade, com profissionais e ao longo de toda a vida, não de maneira isolada e solitária, mas através das relações com outros estudiosos, com outros cidadãos, com outras pessoas.

Todos os dias aprendemos, que nada sabemos... Todos os dias quando nos levantamos... reaprendemos um novo dia... sentimos novas necessidades e novos sentimentos, novos encontros com os nossos sonhos... É assim que se tem de entender a Escola de Curimba Caboclo Tupinambá... como uma aprendizagem dinâmica, sempre activa que não pode estar separada do TUPOMI e muito menos dos médiuns da corrente... Porque é nesta aprendizagem que se fortalece a união... o conhecimento do que acontece, as fases com que cada um passa... os fundamentos da nossa religião terão de estar sempre presente na nossa Escola...

Aliás a visão do Pai Diogo... a forma como tenta transmitir os seus conhecimentos são uma evidencia clara da forma de estar de um ser que pela sua Humildade tenta transmitir algo que teremos de absorver para crescermos e evoluirmos na nossa religião... a Umbanda é conhecimento transmitido pelas gerações daqueles que se servem de nós como instrumentos da sua Humildade... conhecimento... sabedoria... sapiência... São eles os verdadeiros mentores daquilo que somos... porque aprender é dever de cada um de nós, para entender-mos o que somos... o que fazemos... e para onde vamos...



Por isso devemos ter em vista que a nossa Escola não deve deixar ter como o objectivo o saber, atendendo às necessidades culturais e de construção do conhecimento, mas precisa desenvolver também o saber fazer, o fazer e o reflectir sobre o fazer.

E aqui teve um papel fundamental o nosso Professor que tem a noção das necessidades de todos, tentando transmitir novas ideias e conceitos que são enquadrados na pedagogia que utiliza para transmitir os seus ensinamentos... Por vezes excede-se e transmite na aula a excelência que o caracteriza... houve aulas em que nos transportamos para o local, tal era a forma como nos era transmitido o saber... Houve alturas em que eu pessoalmente, senti a beleza que é aprender e a beleza que é ensinar e, o nosso Professor, tem uma forma bela de transmitir aquilo que sabe, e sabe-o bem.

Mas também por vezes, ele fica desiludido e triste quando sente que a sua mensagem não está a passar... por inércia daqueles que deveriam estar atentos ao esforço de quem ensina e daqueles que pretendem aprender... de qualquer das formas e não entenda isto como uma crítica. Mas um desabafo que eu fiz em voz alta... porque às vezes é preciso pensar em voz alta, para se transmitir e clarear ideias que são sempre bem vindas quando retiramos algo delas...

A nossa Escola teve o seu clímax em 11 de Setembro, numa demonstração clara de Fé e na Humildade (poucas vezes atingida) de um Grupo que esteve coeso em volta de algo e de alguém e, esse algo e esse alguém foram a Escola de Curimba Caboclo Tupinambá e o seu Professor Pai Diogo...

Portanto no dia 4 de Novembro fizemos 4 anos... estaremos sempre por aqui... aprendendo... caminhando e sentido o verdadeiro cheiro do saber utilizar o conhecimento

Okê Arô Seu Tupinambá

Teoper



Índice:

- p.2.....Orixá do mês - Xangô e Ibeji
- p.3.....Editorial - União Umbandista
- p.4.....Lições de Um Índio - Continuação
- p.5.....Coluna de Ossain
- p.6.....11 de Setembro
- p.7.....Equedi Yara Rachid
- p.8.....Visita do Pai Jamil a Portugal

Ano 2011
AGOSTO/SETEMBRO

Propriedade: TUPOMI
Distribuição: Mensal
GRATUITO



Morada: Rua João Maia nº394-A, Código Postal: 4475-643
Contactos: 91 681 38 19
E-mail: jexercitodeoxala@hotmail.com
Site: www.tupomi.com

XANGÔ

Xangô é protector dos que sofrem injustiças, Rei da Cachoeira, Senhor da Justiça, Rei da Pedreira, dos raios e dos trovões e das forças da natureza. É um dos Orixás mais respeitados, sendo a pedra fundamental da Obra, é o Poder da iniciativa, é padroeiro dos Juizes e dos Advogados de bem.

Representa o Rei justo que sabe administrar, mas que tem o poder da decisão e do equilíbrio da natureza.

Orixá do Fogo e por sua origem real é o santo da justiça, castigando com o raio. Por isso a morte pelo raio é considerada infame e, assim como uma casa atingida por um raio é tida como marcada pela ira de Xangô.

Seu simbolo principal é o machado de dois gumes (OXÉ) Xangô (do Ioribá Sòngó”) nasce do Poder e morre em nome do Poder. Rei absoluto. O prazer de Xangô é o Poder.

Na história, Xangô é o terceiro alafin de “ÒYÓ” que era considerada a capital politica dos Iorubás. Destronou o próprio meio irmão Dadá_Ajaká com um golpe militar. Tendo governado por sete anos o reino de Oraniã e de Oduduá.

Era filho de Oraniã e de Torossi. Xangô cresceu no país de sua mãe, indo mais tarde instalar-se em Kossô, onde os habitantes não o aceitaram por causa do seu carácter violento e imperioso, mas ele conseguiu finalmente impor-se pela força e pela aplicação da justiça.

Na sua vida Divina Xangô é filho de Oxalá e de Iemanjá. Violento e justiceiro castiga os mentirosos, ladrões e malfeitores.

Kaô Kabecille



IBEJI



Pretos-velhos, Caboclos e Crianças formam a triade da Umbanda

A Criança simboliza a infância, o desenvolvimento da vida, o seu início, a pureza, a simplicidade; O Caboclo simboliza o Adulto, o amadurecimento, a vontade, a virilidade, a força; O Preto-velho simboliza a Velhice, o amadurecimento, a sabedoria da vivencia, a humildade de quem já viveu muito, a experiencia e o conhecer das outras fases.

Quando incorporadas as Crianças vibram, o tempo todo, a energia encantada do reino a que está ligada (praia, pedreira, cachoeira, rio, mar, mata). Basta estar na sua sintonia infantil, brincando e comendo doces, que logo acontece uma limpeza espiritual. Quantas vezes queremos mudar a nossa vida e esquecemos que se não mudarmos os nossos comportamentos e atitudes, a vida também não muda. Crianças nos ajudam e muito, a renovar os nossos comportamentos e atitudes, a começar de novo, como uma criança que começa outra vez a sua tarefa no plano material. Crianças são espíritos infantis que nos vêm como mais velhos. Algumas têm lembranças de séculos. Para vir na Umbanda passam por um ensinamento no Astral que elas chamam de “escolinha”. Criança trabalha e muito porque é uma alegria para elas. Temos Crianças de todos os Orixás, a força Ibeji é a força infantil do Plano Encantado das Crianças. Os espíritos que se manifestam na linha das Crianças atendem pessoas, e auxiliam-nas com os seus passes, benzimentos e sua magia elemental. Tudo isto feito com alegria e simplicidade enquanto brincam com os seus carrinhos, apitos, bonecas e outros brinquedos. São tão fortes que transfiguram adultos sisudos em adultos com alegria e Paz. A sua presença é tão marcante que mudam o ambiente em pouco tempo, descontraindo todos os que estiverem á sua volta.

Por isso sempre que estiver numa Gira de Crianças, ouça e escute bem, porque a brincar eles dizem grandes verdades e nos transmitem e dão grandes lições

ONI BEIJADA

UNIÃO UMBANDISTA

É necessário fazer-se urgentemente a união Umbandista, independente das formas de se pensar e praticar a Umbanda. Sou pela diversidade de cultos e rituais, que apesar de diferentes, têm o mesmo objectivo, portanto não existe o mais ou menos importante, todos são importantes.

Infelizmente, muitos não colocam a possibilidade de unidade, pois estão interessados no Poder o que é inconcebível nas coisas da Religião, pois o Poder é dos Orixás e não dos Homens.

A diversidade de cultos é algo de valor inestimável na nossa Religião. Só assim respeitamos a alteridade, o outro, vamos valorizar todas as formas de pensar e praticar a Umbanda. Não podemos codificar a Umbanda, caso contrário, nossos mentores espirituais já o teriam feito. Podemos codificar o nosso próprio Terreiro, mas não os outros. Cada segmento tem que ser respeitado, pois são formas de intrepertação diferentes da mesma Doutrina-a Umbanda.

Respeitar as diferenças constitui dever e é um acto de fraternidade. O mesmo não se aplica ao erro que é um defeito de carácter e deve sofrer as sanções.

A Umbanda, como Religião surgida de um caldeamento cultural, é pela não exclusão, pela total inclusão. Na Umbanda não existe marginalização, algo deprimente e corrente em nossa sociedade tão injusta.

A Umbanda devido aos seus vários segmentos ou escolas na forma de Doutrina e prática, para manter sua unidade na diversidade e possuir uma política de consenso em suas necessidades precisa de união, de convivência pacífica.

Não importa a forma, a maneira de encarar ou praticar a Umbanda, precisamos estar unidos, convivermos pacificamente.

Carecemos de convivência pacífica, que é o mínimo que se pode esperar de uma Religião que pretende ser Universal e trazer soluções em todos os âmbitos.

É hora de conscientização e de acção. Não pode haver desunião nas lideranças, pois quem assim age está em desacordo com os Orixás e seus fundamentos.

Mais uma vêz, pensemos só na Umbanda.



Muito Axé
Pai Artur de Xangô

A Umbanda teve o seu início com o renascer da era terrestre, o homem sempre se questionou sobre os fenómenos naturais (raio, água, vento, etc.) e sempre os entendeu como forças do divino, umas vezes para os premiar, outras para os castigar, por isso definir datas para o início de uma religião é muito complicado. Eu acredito que em 15 de Novembro de 1908 a Umbanda teve um crescimento e uma divulgação dos seus fundamentos que não se pode olvidar, mas também sei que a religião está cá desde o primórdios da Humanidade e como tal creio que a Umbanda não nasceu em 1908 mas que ela sempre esteve onde o Homem fez o seu caminho, quer seja em (África, Europa, Américas, Ásia ou Oceania) e teve várias interpretações agora como o vocábulo UMBANDA diz, ou se traduz na sua origem do sânscrito "DEUS AO NOSSO LADO" ou "O LADO DE DEUS".

A Umbanda não teve data de nascimento...

Ela sempre cá esteve.

TEOPER

Foi terça-feira, dia 08-11-2011 pelas 10h45, que dei uma queda, senti imensas dores no pé, o resultado foi uma entorse. Pedi ao meu Pai OXOSSI que me aliviasse de tal dor. Mas não fica por aqui, no acto da queda senti algo a puxar-me para cima e não percebi o porquê!

No dia seguinte senti que me faltava algo, era a minha protecção do srº Boiadeiro, tentei procurá-la e não a encontrei, e na encontrei. Passou...

Quinta-feira dia 10-11-201, voltei ao local onde aconteceu a minha queda e perguntei se alguém tinha visto um cordão de couro, e aí me disseram que estava onde caíste. Fui ao local onde este tinha sido encontrado mas já lá não estava porque estava cheio de penas espetadas e uma forquilha deitada no chão, sítio este onde bati com a cabeça.

Seria casualidade ou protecção...

Obrigado Srº Boiadeiro

HUGO SOARES

Lições de um Índio - Continuação

(Ayrton Freire - Julho 2011)

Do lado de fora, as pessoas faziam uma fila com a ajuda de algumas pessoas de branco que pertenciam ao centro. Esses trabalhadores estavam sempre disponíveis. Ajudavam, esclareciam algumas dúvidas, observava que eram fundamentais para que aquele momento estivesse a acontecer da forma como estava.

De repente, João ouve o seu nome e recebe a indicação para alinhar na fila. Perguntou com quem ia falar, disse que estava com problemas para resolver e de pronto foi interrompido pela pessoa que organizava a fila, que lhe disse para não se preocupar com isso, pois todos eram espíritos de muita luz e com certeza ele seria encaminhado à entidade certa para ser ajudado.

Nada diminuía a sua expectativa. O que diria ao Caboclo? Como se apresentaria? Como pediria a solução dos seus problemas? As perguntas giravam na sua cabeça enquanto estava na fila. Até que a faltar apenas uma pessoa, não conseguiu pensar em mais nada. Olhava para todos aqueles Índios com as suas posturas firmes e altivas, e começou a sentir uma grande tranquilidade. Neste instante deixaram de surgir questionamentos e integrou-se completamente ao ambiente. Chegou a sua vez e foi encaminhado a um Caboclo. Logo nos primeiros segundos, os seus olhos cruzaram com o da entidade e de imediato sentiu a firmeza daquele olhar que o mirava intensamente. O Caboclo ensinou-lhe a saudação e após soltar uma baforada do charuto sobre a sua cabeça disse-lhe que gostara muito da forma como entrou naquela casa. Quisera todos que lá vão, tivessem tanto respeito assim. E perguntou se ele já tinha definido aquilo que queria.

A verdade é que a linguagem do Caboclo era bastante rústica e não era com facilidade que entendia as palavras pronunciadas, mas com algum esforço o seu ouvido logo se acostumou e passou a entender tudo perfeitamente. Assim, respondeu que tinha alguns problemas na sua vida mas que naquele momento já não sabia muito bem quais eram eles, ou quais deles eram verdadeiramente importantes.

O Caboclo arregala os olhos e interrompendo-o afirma que não se surpreendia com isso, porque entre os problemas que trazia na mente quando chegou ao Centro, alguns nem problemas eram.

João questionou-o sobre as palavras ditas e o Caboclo acabou por dizer que já sabiam que ele viria, e desde que entrou já estava sendo acompanhado e tratado. Isso mesmo! O João estava a tomar conhecimento que os seus pensamentos, os seus desejos e as suas indagações estavam a ser "ouvidas" e à sua volta entidades de luz estavam a cuidar de si.

O Caboclo continuou a dizer que aquele era o dia certo para ele visitar aquele chão, pois os seus problemas seriam resolvidos não pelos Caboclos, mas pelo próprio João. O que ele realmente precisava era de estar mais forte, ter mais coragem e determinação para seguir adiante com os seus projectos e iniciativas. O seu desânimo era o seu grande problema.

João entendeu sem qualquer entrave a mensagem que lhe era dirigida e dando seguimento ao diálogo interrogou o que ele precisava fazer.

O Índio repetiu que desde a sua entrada no centro ele já estava a ser cuidado e portanto naquele momento já estava pronto para sair dali com outra força e determinação. Estava já capaz de resolver os seus problemas. O Caboclo falou-lhe do Orixá Ogum, e do guerreiro que ele, João Anésio, era. E disse-lhe mais! Todos os guerreiros tem seus momentos de fraqueza e por isso no dia-a-dia dele, quando se sentisse menos determinado, que mentalizasse a figura do Grande Guerreiro, a figura do grande Pai Ogum e pedisse-lhe uma pouca da sua força. Mas que de qualquer forma, ele, o caboclo, estaria ao seu lado a zelar pelos seus passos.

Completo dizendo que, força, ele levava de lá para seguir a sua vida e determinou que só voltasse ao Centro quando visse os seus problemas resolvidos. Alguns desafios surgiriam, algumas dificuldades apresentar-se-iam, mas que ele jamais duvidasse da sua capacidade para os superar. Um reforma importante aconteceria com ele, e repetiu que só o queria de volta ao Terreiro quando tivesse os seus problemas resolvidos.

João deu-se por satisfeito, e agradeceu. O Caboclo recusou o agradecimento e insistiu com o seu linguajar peculiar: "a sua vitória depende mais de suncê do que desse Índio. Acredita em suncê, e depois vem contar a sua vitória pra eu. E num se esquece, tô com suncê, pra suncê não fraquejar. Esse Índio acredita em suncê, só falta suncê acreditar tumém! Que a força e a luz de Pai Ogum te acompanhe".

João Anésio saudou o Caboclo como o próprio lhe havia ensinado e virou as costas sentindo-se mais forte e capaz, e voltou para o seu lugar.

Ao chegar ao lado do seu amigo, sorriu-lhe e agradeceu a sua insistência para que conhecesse aquele lugar fantástico. Passaram-se três meses e João Anésio entendeu que deveria voltar para falar com o Caboclo. Procurou o seu amigo e por acaso ficou a saber que no próximo sábado haveria Gira de Caboclo. Assim lá regressou, pediu para falar com a mesma entidade e chegada a sua hora, lá estava frente a frente com o Caboclo.

Saudação feita, o Caboclo perguntou se os problemas dele já estavam resolvidos. João disse que não. O Caboclo questionou-o sobre isso, pois lhe tinha dado indicações para apenas regressar quando tivesse os seus problemas solucionados. João Anésio não perdeu tempo e disse que em momento algum a vida dele seria uma vida sem problemas.

Mas o maior obstáculo da sua vida ele percebeu nas entrelinhas da conversa passada, e por isso dedicou-se a ultrapassá-lo. O verdadeiro obstáculo ele mesmo o criava e alimentava. Estava no seu interior, a capacidade de reacção. É que a forma como encarava a vida, as pessoas e os seus problemas, as dificuldades e desafios, que não tardaram a aparecer após a visita anterior, ajudaram-no a enxergar o que deveria mudar em si próprio.

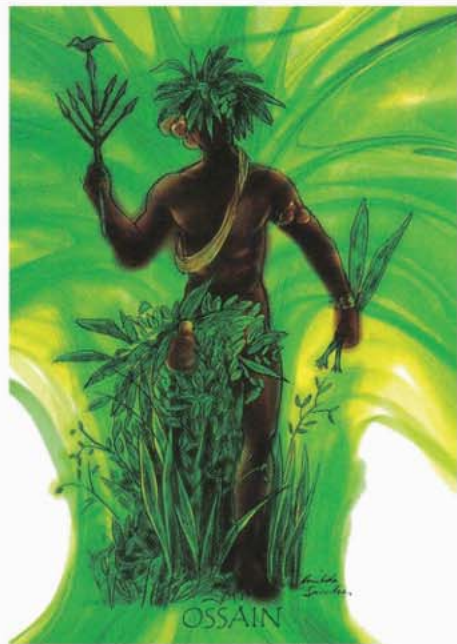
João perguntou ao caboclo se agora já lhe podia agradecer, ao que a entidade respondeu-lhe que o melhor agradecimento que ele podia fazer era conhecer mais aquele chão, porque havia outras mensagens que ele precisava conhecer.

"Nesta casa, tem outros povo de trabalho e suncê também precisa conhecer eles. Eles sabem quem é suncê, mas suncê ainda não sabe quem eles são. Sabe, alguns deles ajudaram suncê e entender as coisa que suncê entendeu", disse-lhe o caboclo. João saudou o Caboclo e ainda ouviu: "Óia, essa reforma que aconteceu dentro de suncê foi o que mudou tudo. Suncê entendeu isso e isso num é fácil das pessoa entender. Obrigado, fio! Nosso trabalho é pra fazer isso com suncês. Pra umas pessoa é mais fácil que pras outra pessoa, mas suncês podem fazer isso. Obrigado por mais essa uma vitória

minha! Suncês vence, eu venço tumém! Que a luz de Oxalá te acompanhe e a força de Ogum nunca abandone suncê".

Algumas semanas depois, João Anésio, que não faltou a mais nenhuma gira, reencontra um amigo de infância num restaurante. Sentam-se à mesma mesa, e ao fim do almoço e de muita conversa, João vira-se para o seu amigo e diz-lhe:

"Acho que precisas conhecer um Índio meu amigo. Já ouviste falar na Umbanda?"



COLUNA DE OSSAË O PODER DAS ERVAS

QUIABO, A PLANTA DO RENASCIMENTO

Comida obrigatória dos faraós no Egípto, o quiabo - *Abelmoschus esculentus* (L) Moench ocupa lugar de destaque na cozinha ritual dos terreiros de candomblé. A planta originária do continente africano chegou ao Brasil certamente como uma exigência do paladar africano que logo se impôs no Brasil colônia. Nas comunidades terreiros tal verdura recebe tratamento especial, constituindo-se como base de várias comidas rituais, as chamadas comidas votivas dedicadas aos Orixás em ocasiões especiais que visam reforçar, estreitar ou reconstruir os laços dos fiéis com o Sagrado. Esta verdura é tão importante que alguns terreiros conservam o hábito africano de não comer as suas sementes, à semelhança de muitos povos que sabiam da importância destas para garantir a continuidade de tal cultura. Como no Egípto Antigo, recebem comidas à base de quiabos os ancestrais ligados às dinastias e alguns que se relacionam com estes. A exemplo do Orixá Xangô, um dos reis de Oyó, de culto trazido para o Brasil pelos reis, rainhas e sacerdotes que aqui entraram. Come também quiabo Oxalá, considerado um dos ancestrais mais antigos, representativo dos primeiros grupos humanos que saíram pelos continentes para povoar a terra e erguer as civilizações. Também recebe esta verdura, Naná, ancestral do desenvolvimento e da transformação, considerada também princípio criativo do Universo, motivo pelo qual participa de todos os seres vivos como celeiro que acolhe e guarda todo ser dotado de força vital. Dar-se comidas a base de quiabos Ibeji, literalmente, os gémeos por conta de sua relação com a continuidade. Isto explica a prática que resiste ainda hoje em algumas famílias de colocar, conforme a promessa, de três a sete quiabos no tradicional caruru dedicado a Ibeji, onde os quiabos são cortados observando várias normas prescritas pela tradição, normas que lhe confere o nome "caruru de precelto..." Ainda está para ser discutido os "carurus" dedicados as Orixás gémeos feitos sob "encomenda". Os chamados "vindos da rua". Há algum tempo não muito distante de nós, o "caruru dos meninos", outro nome dado ao conjunto de iguarias oferecidas aos gémeos, era "encomendado a uma pessoa" que preparava toda a comida dentro da casa de quem estava oferecendo o prato, afinal como ainda acredita-se: "comida de Orixá não pode atravessar encruzilhadas." Certo que a chamada "modernidade" e a redefinição do tempo, somado aos produtos oferecidos pela indústria de alimentos, a exemplo dos fast food, faz urgir em algumas pessoas mudanças, ora para "aproveitar esse tempo", que sempre tornar-se escasso, ora para ostentar prestígio, incluindo algumas modificações. Pela brevidade do tempo não vamos aprofundar este debate. Deixemos para outra ocasião. Retornando ao nosso tema, a base principal do caruru de Ibeji é o quiabo. Quiabo inteiro colocado na panela distribuído aleatoriamente no prato de alguns comensais que até certo tempo mantinham o compromisso de retribuir aquele banquete à família que estava oferecendo, prestando homenagem aos gémeos. Isso garantia a presença do caruru "durante todo ano" por se acreditar que Ibeji não abre mão de receber suas comidas preferidas oferecidas pela pessoa escolhida, em outras palavras, "apontada" pelo quiabo inteiro, representando o próprio ancestral. Recebe também comida a base de quiabo, Oyá, ancestral do rio Níger por conta da sua relação com o Orixá Xangô. Na verdade, as comidas feitas de quiabo oferecidas a ela

representam o próprio rei. Nos terreiros de candomblé, ao menos nas casas de tradição Iorubá, o quiabo se faz presente em todos os ritos de passagem, mesmo quando ele está ausente. Ele serve para marcar assim todas as cerimônias de renovação, continuidade. Come-se quiabo para fortalecer o Axé. Quiabo é símbolo de prosperidade, êxito nos negócios e serve também para impedir que algumas coisas que atrapalham o nosso Axé aconteçam. Há poemas que dizem, "que no meio das dificuldades encontremos quiabo." A fim de garantirmos que nada de ruim nos aconteça. O quiabo neste trecho nos é apresentado se não, como uma pessoa, um ser individualizado. Isso nos remete a um mito já registado por alguns autores, mantidos pelas comunidades terreiros. Conta-se que uma grande seca se abateu sobre a terra. Tudo começou a perecer, a começar pelas flores, as árvores depois de despir-se de suas folhas começaram a morrer, as crias dos animais também padeceram, abateu-se sobre a humanidade a fome, doenças e a guerra, não tendo mais a quem recorrer, um ancestral chamado Okô, que nos ocuparemos na próxima semana, aquele que inventou a roça, cultivou, domesticou as primeiras plantas, saiu pelo mundo a procura de uma solução ante a emergência do desaparecimento da vida. Okô, então chegou diante do Orixá Exu, aquele que havia entrado primeiro na cidade criada pelo fundador do Universo e lhe pediu que clamasse ao céu para enviar a chuva, o céu que anteriormente já havia entrado em disputa com a terra para ver quem era o mais importante. Exu aceitou o desafio e lhe pediu uma comida especial temperada com pimenta. Okô, assim fez e depositou a comida sobre Okê, a montanha, por ser o lugar mais alto. Exu fartou-se da iguaria demasiadamente apimentada e depois que percorreu todos os rios da terra, não encontrando água, tratou de reclamar ao céu que fizesse cair sobre a terra a chuva. O céu atendeu o pedido do velho amigo e entregou a Exu gotas de águas para serem derramadas sobre a terra. Atrapalhado, o poema diz que Exu no caminho, deixou cair algumas gotas de suas mãos e a chuva antecipou-se à sua chegada na terra.

Quando desceu da montanha, ao parar diante de Okô, percebeu que o quiabo já havia lançado as primeiras folhas. Estava garantida assim a continuidade e a permanência da vida sobre a terra. Desta maneira, a exemplo do inhame, do milho e da mandioca nas Américas e do arroz na Ásia, reconhecidos como raízes e grãos civilizatórios, o quiabo constituiu uma das plantas cultivadas de maior importância para algumas civilizações africanas, a menos para aquelas que afirmavam descender de um poder Divino representado pelo rei. Além da fixação dos grupos humanos na terra, ele nos ajuda a pensar no esforço que as primeiras civilizações empreenderam para manter-se vivas através de noções como descendência e ancestralidade, mantidas vivas ora através do não consumo da sementes de algumas plantas a fim de semeá-las, ora através da sua distribuição inteiros em pratos de fiéis, devotos que transcendem às religiões afro-brasileiras e que ainda hoje oferecem o caruru aos meninos, referenciados as vezes nas figuras dos santos católicos Cosme e Damião transformados em gémeos no dia vinte e sete de Setembro.

Vamos reflectir sobre isso.

**RECOLHA DE DADOS POR
TEOPER E MANUELA – Irmãos no Axé**

11 de Setembro 2011



Acordei com a sensação de que algo se passava com o meu estômago, e não era fome, mas andava às voltas e às voltas. Não doía, apenas estava mais agitado. Foi um dia em que simplesmente vivi a Umbanda, sempre ouvi na nossa casa dizer que a Umbanda vive-se, e foi o que me aconteceu. Vivía a felicidade do nervosismo de levar o nosso amor para fora do nosso Barracão e em comunhão com a nossa cidade. Ao Evento foi quem quis prestigiar. Foi quem gosta de estar connosco. Foi quem não queria deixar de participar e foi quem queria conhecer. Muitos lá foram e o teatro ficou cheio. O pano parecia pesar 1 tonelada. Ouviu-se alguém a avisar: dez minutos! O tempo é estranho porque os dez minutos pareceram sessenta. E nada! Lá estava o pano em baixo, e olhava-se para o lado e tentava-se descontrair, e confiantes ali estávamos, prontos para defender de coração o Barracão, a Família e a nossa Umbanda, mostrando o nosso amor ao fazê-lo.

"Afinal, o pano sobe ou não?" , pensei vezes sem conta. Parecia uma eternidade, e o estranho tempo provocava várias interrogações de nervos: "será que vieram?" , "será que a sala está cheia?" , será e será e será..., verificámos se os corredores por onde temos de passar estavam livres, desocupados, os cabos arrumados, e... "Mas esse o pano sobe ou não sobe?"

A lembrança do pano ali á aguardar teimosamente para subir é a maior lembrança que tenho do início, e parecia que me estava a dizer: calma tudo a seu tempo. Avisam que vai subir! Vejo a sala cheia, e lembro-me de pensar: "Tranquilo que só custa arrancar" . Dito e feito. Arrancam as vozes todas em simultâneo, pouco confiantes, mas bastou uma fagulha de confiança, todos se uniram e tudo saiu com alegria.

Comecei a pensar, que até aos marinheiros faltava muito tempo, por isso deveria divertir-me e não pensar mais no assunto.

E como o tempo é mesmo estranho, rapidamente chegou a hora dos Marinheiros. "Bom, vamos lá, vamos de coração e eles vêm connosco" , pensei. Lembro-me de eu ficar ali a pensar, e comecei a ouvir "Em todo o samba que faço..." e aí deu o nó no estômago! Mas mal entramos em palco, tudo passou. O que foi ensaiado, foi improvisado e tudo coisa do momento.

Afinal o palco até nem era tão grande assim, e ali estávamos representando a linha dos Marinheiros, e eu sentia-me muito feliz, numa alegria quente que chegou arder de tanto calor que sentia. Tudo corria bem, e ali estávamos nós, saudando todos os presentes, completamente "embarcados" no balanço das ondas. Lembro-me, ainda, de olhar para o meu parceiro e ver que também ele estava muitíssimo feliz.

Tinha sido uma honra poder não só homenagear e celebrar a Umbanda, mas representar essa linha de uma vibração tão maravilhosa.

No final olhamos um para o outro e ficou um sentimento de que cumprimos com nosso objectivo, que fizemos de coração o que nos propusemos, e que fomos humildes na forma como o fizemos.

Estávamos de parabéns, estavam de parabéns os nossos Pais e o nosso Professor da Escola Curimba Caboclo Tupinamba Pai Diogo de Oxossi.

Foi um grande dia, de grandes pormenores. Foi Mágico e a magia continua. Sou feliz porque conheci a Umbanda, sou feliz por estar no meu Barracão, sou feliz por ter participado no evento, e acho que nesta caminhada a que nos propomos, cada vez mais iremos ter oportunidade de humildemente dizer que somos felizes na nossa religião e que estamos abertos a sociedade que apenas queremos estar onde estamos, fazendo o que fazemos e divulgando a nossa fé. Se houve quem defendeu perante milhares de milhões a nossa religião e teve a sua presença humilde no nosso evento, também nós neste cantinho da Europa podemos humildemente continuar a dizer que amamos a Umbanda.

Pai Jamil lutou sempre humilde agradecendo todos os anos, mostrando a sua gratidão, nós podemos mostrar a ele que, deste lado do Mar, também saberemos elevar, muito alto, a mesma bandeira!

"Os devotos do Divino vão abrir sua morada, Pra bandeira do menino ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai Deus nos salve esse devoto pela esmola em vosso nome, Dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome, ai, ai A bandeira acredita que a semente seja tanta, Que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita Que o homem seja livre, que a justiça sobreviva, ai, ai Assim como os três reis magos que seguiram a estrela guia A bandeira segue em frente atrás de melhores dias No estandarte vai escrito que ele voltará de novo

E o rei será bendito, ele nascerá do povo, ai, ai..."



Alexandre Gonçalves

“1º Grande Evento da Umbanda em Portugal, com a presença do Babalorixá Jamil Rachid”. Esse foi o título dado à Comemoração Umbandista que reuniu no último dia 11 de setembro, no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, em Portugal, cerca de aproximadamente 1.000 pessoas, lotando as dependências da mais tradicional casa de espetáculos teatrais da cidade. O evento foi organizado pelo TUPOMI - Templo de Umbanda Pai Oxalá e Mamãe Yansã, constituído desde 2002 na Cidade de Maia, vizinha ao Porto, pelo casal Elsa Conde, de Yansã e Artur Conde, de Xangô.



A cerimônia, num ambiente de confraternização e alegria, foi desenvolvida em três partes, compreendendo a apresentação das Entidades da Umbanda (Exu, Pretos Velhos, Caboclos, Baianos, Boiadeiros, Ciganos, Marinheiros e Erês.), a realização de conferência coordenada pelo Babalorixá Jamil Rachid (Os destinos da Umbanda no mundo) e, posteriormente, a representação em forma de canto e dança dos Orixás Oyá, Ogum, Xangô, Obaluaiê, Oxossi, Nanã, Oxum, Iemanjá, Iansã e Oxalá. O espetáculo foi totalmente produzido e apresentado pelos filhos da casa, os quais tiveram à frente, na direção, produção de texto e figurinos, a competente Ya Elsa de Yansã. A parte musical ficou a cargo de Diogo Conde, filho do casal, regente da Banda Filhos do Axé. Juntamente com Pai Jamil, formando sua comitiva, acompanharam-no em Portugal a Equedi Yara Rachid e Pai Dalmo de Oxalá. Nessa cerimônia, ainda estiveram presentes representantes ilustres da Umbanda e Candomblé no cenário lusitano, como Pai Claudio de Oxalá, Pai Helder de Oyá, Babalorixá Daniel de Oxossi, Babalorixá Jomar de Ogum e Babalorixá Paulo de Yemanjá. O destaque, sem dúvidas, coube ao Babalorixá Nuno de Xangô, que se fazendo acompanhar por 30 filhos de sua casa, procedentes do sul do país, atravessaram de ônibus 800 quilômetros para participar do encontro. A viagem a Portugal transcorreu entre os dias 6 e 13 de Setembro. Além do evento já relatado, Pai Jamil e comitiva realizaram nessa viagem uma série de contatos religiosos e sociais, os quais valorizaram de maneira significativa sua ida à Europa.

Dentre esses compromissos, se destacou a visita feita no dia 9 à sede da LBV – Legião da Boa Vontade, localizada na Rua Rodolfo Araujo, no Porto, sendo recepcionados pelo Sr. Haroldo Rocha, Diretor Regional da entidade. Na oportunidade, além da confraternização havida entre os presentes, salientou-se a amizade antiga existente entre a União de Tendas e a LBV, a qual sempre é enaltecida por Pai Jamil e pelo Sr. José de Paiva Neto, seu Dirigente maior. A LBV em Portugal, a exemplo do que ocorre em diversas partes do mundo, realiza um trabalho comunitário de excelente relevância social voltado principalmente para programas de atendimento da saúde e nutrição da infância à terceira idade. Na visita, Pai Jamil foi entrevistado pela TV local, indo a matéria ao ar, na programação que a LBV mantém no Porto. Em Braga, no dia 8, a comitiva brasileira da umbanda foi recepcionada por Pai Claudio de Oxalá na sede da ATUPO – Associação Templo de Umbanda Pai Oxalá, ocasião em que foi realizada uma belíssima apresentação de dança africana. A ATUPO é uma entidade religiosa bem estruturada na comunidade portuguesa, sendo freqüentado por um público jovem que se fez presente durante o desenrolar da visita.

Durante todo o tempo em que a delegação brasileira da “União de Tendas” esteve em Portugal, ficou hospedada no Hotel “Pedras Rubras” e baseada nas dependências do TUPOMI. Essa situação privilegiada proporcionou-lhe uma convivência muito próxima com todos da casa e em especial com seus dirigentes, daí decorrendo uma amizade para toda a vida. Embora seja conhecida para muitas pessoas a hospitalidade portuguesa, em se tratando das pessoas de Artur, Elsa e seus filhos espirituais, essa qualidade amorosa está dilatada. Além de cercarem Pai Jamil, Yara e Dalmo de todo o carinho e atenção, lhes foi proporcionada uma estadia rica de passeios encantadores, visitas a lugares históricos, restaurantes típicos com o melhor da gastronomia e música portuguesas. O Porto é do ponto de vista econômico a segunda cidade mais importante do país, sendo superada apenas por Lisboa. No entanto, cultural e arquitetonicamente falando, constitui-se no berço de Portugal, sendo considerada pela UNESCO, Patrimônio Histórico da Humanidade. Já embarcados no avião da TAP que os trouxe para São Paulo, os três viajantes enxugaram lágrimas de saudade: foi lindo receber de Portugal um banho de civilização.”

Equedi Yara Rachid
Retirado do Jornal AGAXÉTA

VISITA DO PAI JAMIL A PORTUGAL



Em Setembro a Luz de Portugal brilhou da mesma maneira que brilha quando algo digno acontece neste bocado á beira-mar plantado pela mão de Olorum... A visita a Portugal de Pai Jamil Rachid, a sua Ekede Yara, bem como de Pai Dalmo que trouxeram consigo os ingredientes para que esse brilho ofuscasse a sua estadia nos nossos corações.

O TUPOMI em Setembro cumpriu uma das suas missões mais importantes que o Plano Astral lhe confiou. Serviu de instrumento para que a nossa Umbanda desse o passo que necessitava para se fixar no panorama religioso em Portugal.

Para mim, há o antes e o depois de Setembro de 2011, foram dias vividos com muita intensidade, abençoado pela saída de Oxaguian.

O antes é o reflexo de um trabalho árduo... sentido.. e amado por tudo o que fizemos e passamos. Foram tempos de trabalho... de solidificação... de implantação, mas também só foi possível porque o Amor esteve sempre presente, sem ele nada se faria.

Todos nós nos sentimos orgulhosos pela sua presença, pelo que nos deixou, nomeadamente o ensinamento sempre necessário para a nossa vivência.

A Tranquilidade com que nos tratou sempre, apanágio de Grandes Seres em Missão neste Planeta em Transição... ás vezes esquecemo-nos de que somos pequeninos, perante figuras como estas e, não mostramos a humildade necessária para aprendermos com estas lições de vida.

Aprender é o lema da minha vida... quem não quer aprender? Ou pensa que já sabe tudo e não precisa de aprender... está-se enganando, porque está no abismo que conduz os loucos á perdição.

Aprender é a lição que as nossas entidades nos deixam. Aprender para saber... Porque aprender, sem saber o conhecimento, não é aprender...

Por isso a presença de espírito que Pai Jamil demonstrou, fez-me acreditar que eu nada sei. Estou aprendendo ainda a aprender...

Mas foi bom ter estado na sua presença... Ter convivido com ele... Ter servido esta figura impar da nossa Umbanda, Universal como ele. E, não sendo de ninguém é de todos!

Tive uma lição ao vivo, quando o entrevistei para a nossa rádio, foi uma aula que jamais esquecerei.

É na vida que se aprende o conhecimento das coisas. É na palavra que os sonhos se concretizam. É no encanto da sua presença que se sente a magia de um Ser Humano que carrega um espírito em Missão. Porque nós, meros humanos, agradecemos a esses Espíritos que na sua Missão, carregam os nossos fardos, desilusões e desencantos.

Quem sou eu? Para ter merecido esta alegria de estar em momentos mágicos... mas sempre estive com alegria, coração aberto... ouvido de eterno aprendiz... Olhar com sentimento, enfim de corpo e alma em toda a minha plenitude da matéria, porque o espírito sempre esteve em Alegria de estar na presença de um Espírito Superior.

Tenha a noção de que tenho muito... Muito que aprender... Na Humildade de um ser humano, que gostem ou não gostem, sou Eu e não Outro.

Por isso a matéria erra... O Espírito apela ao bom senso e o Amor pelo Amor... o Grupo nos une na essência do entendimento É o meu encontro nos desencontros na minha vida.

Bem-haja Pai Jamil – a sua presença foi Luz e Amor no TUPOMI.

TEOPER



TUPOMI

RÁDIO TUPOMI

**ÀS SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS
A PARTIR DAS 21.00 HORAS**

<http://tupomi.listen2myradio.com/>